



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

EDUARDO CANDEIA TCHIVUNDA

OS IMPACTOS DO NEOPENTECOSTALISMO NAS RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO E
POLÍTICA NO DISTRITO URBANO DO KIKOLO - ANGOLA

REDENÇÃO

2024

EDUARDO CANDEIA TCHIVUNDA

OS IMPACTOS DO NEOPENTECOSTALISMO NAS RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO E
POLÍTICA NO DISTRITO URBANO DO KIKOLO - ANGOLA

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya

REDENÇÃO

2024

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	4
2.	JUSTIFICATIVA.....	6
3.	OBJETIVOS.....	7
4.	METODOLOGIA.....	8
5.	PROBLEMATIZAÇÃO.....	8
6.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
6.1	Neopentecostalismo (Igreja em Angola).....	16
6.2	Política.....	18
6.3	Os impactos entre a política e o neopentecostalismo.....	21
7.	CRONOGRAMA.....	22
	REFERÊNCIAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

Angola, localizada na costa ocidental da África Austral, é uma nação com uma história marcada pela colonização portuguesa, iniciada no século XV. Durante séculos, foi uma das principais fontes de escravizados enviados para o Brasil e outros territórios. A resistência local contra a dominação colonial culminou na luta pela independência, alcançada em 11 de novembro de 1975. Entretanto, logo após a independência, o país mergulhou em uma longa e devastadora guerra civil, que durou até 2002, envolvendo três principais facções políticas: o MPLA, a UNITA e a FNLA.

A comuna de Kikolo, situada na província de Luanda, é uma área densamente povoada que reflete o rápido processo de urbanização pós-guerra. Mariano P. da Silva (1999), em sua obra *Neopentecostalismo e política na África subsaariana*, observa que a urbanização acelerada dessas áreas, como Kikolo, contribuiu para a formação de uma comunidade vibrante, mas também carente de serviços essenciais, o que abriu espaço para a influência crescente de igrejas neopentecostais. Kikolo é um exemplo das mudanças sociais e econômicas que moldaram a sociedade angolana nas últimas décadas, especialmente em sua interação com as instituições religiosas e políticas.

Com mais de 620 mil habitantes, Kikolo é dividida em 15 bairros, onde se observa a prevalência de estruturas religiosas e a interação da fé com a política. A diversidade religiosa da comuna reflete a mistura de tradições africanas e influências cristãs, destacando-se o catolicismo introduzido pelos portugueses e o crescimento exponencial do neopentecostalismo nas últimas décadas.

A formação religiosa de Angola, especialmente na comuna de Kikolo, está profundamente enraizada em uma combinação de tradições locais e influências externas. O cristianismo foi introduzido pelos portugueses durante a colonização, com o catolicismo sendo dominante por séculos. No entanto, nas últimas décadas, o neopentecostalismo emergiu como uma força significativa, principalmente nas áreas urbanizadas como Kikolo, em Luanda.

Como aborda Boaventura de Sousa Santos (2019) em *Epistemologias do sul*, o colonialismo não apenas impôs estruturas políticas e econômicas, mas também moldou a paisagem religiosa das regiões colonizadas. As religiões introduzidas, como o cristianismo, muitas vezes ocultaram as práticas religiosas locais, criando uma dicotomia entre a tradição africana e a religião colonial.

De meados do século XVI em diante, o debate jurídico e político entre os estados europeus a propósito do Novo Mundo concentra-se na linha global, isto é, na determinação do colonial, não na ordenação interna do colonial. Pelo contrário, o colonial é o estado de natureza onde as instituições da sociedade civil não têm lugar. (Santos. p.28. 2019)

No pós-independência, e após anos de guerra civil, o país começou a experimentar uma nova fase de reconstrução social e política, que incluiu também a reorganização religiosa.

O neopentecostalismo, conforme analisado por Mariano P. da Silva (1999), cresceu em resposta às dificuldades socioeconômicas enfrentadas por grandes segmentos da população urbana. Com promessas de prosperidade material e alívio espiritual, essas igrejas oferecem um refúgio para as comunidades marginalizadas de áreas como Kikolo. A ascensão dessas igrejas está intimamente ligada ao contexto pós-guerra e à urbanização rápida, onde o Estado muitas vezes não consegue atender às necessidades básicas.

Além do catolicismo, outras religiões, como o islamismo e as religiões tradicionais africanas, coexistem no país, mas é o neopentecostalismo que tem tido um crescimento exponencial, especialmente nas áreas urbanas de Luanda e em comunas como Kikolo. Segundo John L. Comaroff e Jean Comaroff (1991), a expansão do cristianismo na África foi central para o projeto colonial, e as igrejas neopentecostais, com sua ênfase no poder pessoal e na intervenção divina, substituíram os modelos mais tradicionais de religiosidade e inseriram novas formas de mediação social e política.

Esse movimento religioso não só trouxe novos paradigmas espirituais, mas também interferiu nas relações políticas e comunitárias, estabelecendo alianças com elites locais e influenciando as políticas públicas, como analisa Vainfas (2016), onde critica a dependência excessiva da religião como ferramenta de controle e mobilização social.

Ponte entre o homem e Deus a Igreja teria a última ou a única palavra sobre o que deveria ser a vida de seu rebanho e sobre o que era o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto. A Igreja não era poderosa apenas do ponto de vista espiritual, mas também político, ninguém melhor do que ela para dizer como Deus queria que a sociedade, que era baseada nas relações de suserania e vassalagem estabelecida entre o senhor feudal e seus servos, fosse organizada. (Vainfas et al, 2016, p. 63)

No contexto do neopentecostalismo, Pau de Cabinda (2020), aborda questões relacionadas à fé, dúvida e identidade, tecendo uma crítica às influências religiosas impostas pelo colonialismo. Sua obra explora como o cristianismo impacta a sociedade angolana

contemporânea, sendo um exemplo das tensões religiosas presentes nas interações sociais e políticas.

Portanto, o desenvolvimento religioso no Kikolo não pode ser separado das transformações políticas e econômicas do país. Desde a introdução do cristianismo pelos colonizadores até o crescimento das igrejas neopentecostais, a religião em Angola é parte integrante da construção de identidade, tanto individual quanto coletiva, especialmente nas áreas mais pobres e urbanizadas.

2. JUSTIFICATIVA

A pesquisa em questão emergiu de uma necessidade emocional profunda, originada por uma experiência pessoal: o sofrimento de minha mãe. Sua angústia, intensificada por desafios aparentemente insuperáveis, a conduziu a uma busca desesperada por alívio espiritual no seio da igreja neopentecostal. Na expectativa de encontrar soluções para seus problemas foi frustrada pela realidade cruel de líderes religiosos que, em vez de oferecerem o suporte necessário, exploraram sua vulnerabilidade. O impacto dessa vivência foi devastador, não apenas pela dor causada, mas também pela exploração emocional e espiritual de quem, naquele momento, buscava auxílio.

Este episódio desencadeou em mim uma inquietação crescente sobre o papel das igrejas neopentecostais nas vidas das populações marginalizadas. A manipulação da fé e o uso indiscriminado das fragilidades humanas por parte de certos líderes religiosos suscitaram questionamentos sobre as práticas dessas instituições, especialmente nas periferias de Luanda, como em Kikolo. Este bairro, que se destaca por ser a comuna mais populosa e economicamente ativa, é também palco de uma efervescente religiosidade. A fé neopentecostal, com suas promessas de prosperidade e cura, assume uma função que vai além do espiritual, permeando o cotidiano de seus habitantes e preenchendo lacunas deixadas pelo Estado em termos de assistência social e emocional.

Kikolo, com seus mais de 621 mil habitantes distribuídos em 15 bairros, é um microcosmo de Angola, onde o crescimento desordenado, o comércio informal e as desigualdades convivem com uma forte presença religiosa. A igreja, especialmente a neopentecostal, tornou-se um ponto de convergência para aqueles que buscam respostas para as adversidades da vida cotidiana. Essa dinâmica é reforçada por dados do Instituto Nacional

de Estatística (2014), que mostram que bairros como Augusto Ngangula e Boa Esperança Central abrigam grandes concentrações de fiéis. Neste contexto, investigar o papel dessas igrejas é crucial para entender como elas moldam a vida social, política e econômica da comunidade, especialmente em áreas marginalizadas onde a fé, por vezes, se sobrepõe à ausência do Estado.

A relevância deste estudo vai além da observação das práticas religiosas. A influência da igreja neopentecostal na sociedade angolana reflete-se, inclusive, nas esferas política e econômica. A estreita relação entre a igreja e o Estado em Angola não é recente; ambos compartilham uma história de apoio mútuo, onde o governo, por meio de recursos econômicos e até diplomáticos, sustenta o crescimento dessas instituições religiosas. A religião cristã, por sua vez, orienta a população com base em valores morais presentes na Bíblia, influenciando diretamente o comportamento social e as decisões políticas da nação.

A pregação neopentecostal, com seu enfoque em valores morais e sociais, vai além do culto religioso, influenciando setores como a educação. Ela promove comportamentos como honestidade, respeito e solidariedade, mas também pode impor normas rígidas que afetam a visão do mundo de seus fiéis. Em muitos casos, a mensagem de resignação e paciência, de que *tudo será resolvido pela vontade de Deus*, acaba moldando as escolhas acadêmicas e profissionais de seus seguidores, além de gerar tensões entre diferentes seitas e doutrinas.

Portanto, compreender o impacto do neopentecostalismo, especialmente nas periferias de Luanda, é essencial para futuros pesquisadores da temática religiosa em Angola. É preciso investigar de forma crítica como essas igrejas influenciam a vida dos seus seguidores, considerando o contexto social e cultural angolano. Além disso, o estudo desta relação igreja-sociedade deve buscar resgatar e valorizar o pensamento ancestral angolano, muitas vezes sufocado pela imposição de valores ocidentais. Dessa forma, a pesquisa não apenas desconstrói conceitos, mas também propõe uma reconstrução mais genuína e enraizada nas tradições culturais de Angola.

3. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Investigar os impactos do neopentecostalismo nas interações entre política e religião no distrito urbano do Kikolo, Angola.

Objetivos Específicos:

- Contextualizar e caracterizar a igreja neopentecostal em Angola, destacando suas origens e influências.
- Analisar como as práticas neopentecostais se manifestam em um contexto de exclusão social, crise econômica e ausência de serviços sociais, impactando as comunidades periféricas de Kikolo.
- Examinar de forma crítica como o neopentecostalismo influencia as decisões políticas e educativas, moldando comportamentos e expectativas sociais nas regiões marginalizadas de Angola.

4. METODOLOGIA

A pesquisa a ser desenvolvida é de natureza qualitativa, com um enfoque bibliográfico, na qual terei em vista compreender o fenômeno do neopentecostalismo em Angola por meio de uma análise crítica de fontes secundárias. Conforme Minayo (2007), a pesquisa qualitativa é apropriada para estudos que visam interpretar as relações sociais, políticas e culturais, como as interações entre religião, política e educação no Kikolo.

5. PROBLEMATIZAÇÃO

O neopentecostalismo, enquanto uma vertente religiosa emergente, ocupa um espaço crescente na sociedade angolana, atraindo fiéis em busca de soluções para suas adversidades. Entretanto, essa busca por auxílio espiritual muitas vezes resulta em enganos e manipulações, onde líderes religiosos se autodenominam emissários divinos, explorando a vulnerabilidade dos indivíduos. Tal como a visão de Burckhardt (1961) citado por Pau de Cabinda (2020) na sua obra *O menino que não acredita em Deus* apresentando como a dinâmica se reflete no cotidiano dos que vivem à margem da sociedade, revelando um fenômeno de enganadora fé. O autor, oferece uma análise sobre a crise de fé que permeia a sociedade angolana, especialmente entre as classes mais vulneráveis. Ele articula como a busca por respostas em um mundo marcado

pela exclusão social e pela falta de perspectivas leva muitos a se renderem a promessas ilusórias oferecidas por líderes neopentecostais. Cabinda discute a manipulação da espiritualidade, onde a fé é mercantilizada e transformada em um produto que promete soluções imediatas para problemas complexos. (Burckhardt, 1961, p. 10).

A pesquisa de Cabinda revela a tensão entre a tradição e a modernidade, questionando se a conversão ao neopentecostalismo realmente oferece emancipação ou se é apenas uma nova forma de opressão. Ele critica a forma como essas igrejas utilizam a linguagem da prosperidade para capturar e explorar a esperança de indivíduos que, em vez de encontrar um caminho para a autossuficiência, acabam se tornando dependentes de um sistema que visa apenas o lucro. O autor defende uma reavaliação da espiritualidade que promova a verdadeira autonomia, sugerindo que a educação e o fortalecimento da consciência crítica são essenciais para romper com os ciclos de manipulação.

Cabinda se alinha com a visão de Boaventura de Sousa Santos (2019), que propõe a necessidade de epistemologias alternativas que reconheçam as vozes e experiências dos oprimidos, destacando a importância de um conhecimento que desafie as narrativas hegemônicas. Assim, a obra de Cabinda não apenas reflete sobre a realidade contemporânea, mas também propõe um chamado à ação, instigando uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que moldam as relações entre religião e política em Angola. Essa análise enriquece a discussão sobre o impacto do neopentecostalismo, tornando-se fundamental para compreender os desafios enfrentados pela sociedade angolana em sua busca por justiça social e emancipação.

Hoje, fico triste ao ver crianças tão dedicadas nas igrejas, não que a igreja não as ajude, mas porque, se observarmos o mundo atual, veremos que quanto mais tempo elas ficam ali, mais oportunidades elas perdem e menos visão sobre a sociedade na qual estão inseridos. (Cabinda, p. 41. 2020)

Esse trecho de Pau de Cabinda expõe uma crítica direta ao impacto limitador que certas práticas religiosas podem exercer sobre a autonomia e a visão crítica dos fiéis, especialmente entre os mais jovens. No contexto deste trabalho, essa observação ganha relevância ao ilustrar como a adesão a movimentos religiosos pode, em muitos casos, restringir o desenvolvimento de uma consciência crítica e o entendimento mais amplo das dinâmicas sociais, nesse caso, Cabinda sugere que a imersão total no ambiente religioso pode afastar os indivíduos da compreensão dos desafios de sua própria sociedade. Essa dependência, promovida pela narrativa de prosperidade e salvação espiritual dos movimentos neopentecostais, reforça uma

forma de controle que perpetua estruturas de opressão, ao invés de fomentar uma verdadeira emancipação. Essa prática limita a capacidade dos fiéis de se perceberem como agentes ativos e críticos na transformação social e política, o que, no contexto angolano, torna-se uma questão central para a busca de justiça social e autonomia individual.

Primeiro, que não há epistemologias neutras e as que reclamam sê-lo são as menos neutras; segundo, que a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento é nos seus impactos noutras práticas sociais. É à luz delas que importa questionar o impacto do colonialismo e do capitalismo moderno na construção das epistemologias dominantes. O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que correspondia à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizadas, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade. (Santos. p.5. 2009)

Ao articular as ideias de Pau de Cabinda e Boaventura de Sousa Santos, emergem questões fundamentais para a compreensão dos impactos do neopentecostalismo nas relações entre religião e política no distrito urbano do Kikolo, Angola. Em sua análise crítica, Cabinda questiona a real emancipação oferecida pelo neopentecostalismo, apontando que a mensagem de prosperidade veiculada por essas igrejas frequentemente desvia as populações de uma busca autônoma pela autossuficiência e fortalecimento crítico. Em vez disso, segundo o autor, os fiéis acabam dependentes de um sistema que visa primordialmente ao lucro e que, ao manipular esperanças, assume características opressivas semelhantes às de sistemas coloniais.

Esse pensamento dialoga com a reflexão epistemológica de Boaventura de Sousa Santos, que argumenta que o colonialismo não se limitou à dominação econômica e política, mas exerceu também uma “dominação epistemológica,” impondo saberes hegemônicos que suprimiram formas de conhecimento e espiritualidade locais (Santos, 2009, p. 5). Essa perspectiva permite interpretar o neopentecostalismo em Angola como um veículo moderno de dominação epistemológica, que reproduz estruturas coloniais ao subordinar saberes e práticas espirituais tradicionais. Assim, a teologia da prosperidade poderia ser vista como uma extensão do capitalismo moderno, que prioriza o lucro e o consumo individual, desconectando o indivíduo de suas raízes culturais e formas de organização comunitária.

No contexto angolano, essa dominação epistemológica tem profundas implicações políticas e sociais, pois o neopentecostalismo, ao se estabelecer como religião dominante, não apenas altera a estrutura espiritual, mas também influencia práticas sociais, culturais e

educacionais que moldam a identidade e a autonomia coletiva da população. Cabinda e Santos, assim, convergem ao evidenciar que o impacto do neopentecostalismo deve ser analisado não apenas pelo conteúdo de suas crenças, mas também pelos efeitos sociais e epistemológicos que gera. A supressão das epistemologias locais e a promoção de um sistema de crenças economicamente orientado perpetuam uma relação de saber-poder que restringe o potencial emancipatório e crítico das comunidades, servindo, assim, aos interesses de uma estrutura de poder que enraíza a dependência e enfraquece a autodeterminação.

O neopentecostalismo em Angola evidencia o impacto transformador que essa vertente religiosa exerce sobre a consciência e a percepção coletiva, particularmente no distrito urbano do Kikolo. Cabinda e Boaventura de Sousa Santos oferecem o arcabouço teórico para compreender como o neopentecostalismo reforça uma espécie de “colonização cultural”, desestabilizando a autonomia crítica da comunidade angolana ao inserir crenças alinhadas com lógicas exógenas e, muitas vezes, voltadas para o lucro pessoal. Esse processo espelha a estrutura da dominação colonial mencionada por Santos, ao impor práticas que minam os saberes e tradições locais, substituindo-os por uma teologia estrangeira que, embora prometendo prosperidade, muitas vezes encerra as populações em um ciclo de dependência.

Ao considerar as contribuições de Comaroff & Comaroff (1991), que discutem o cristianismo como veículo de controle colonial, é possível entender que o neopentecostalismo introduz uma forma de subjugação ideológica ao impor uma teologia da prosperidade que prioriza o acúmulo financeiro e reforça o controle dos fiéis. Os líderes neopentecostais, frequentemente originários de contextos ocidentais, atuam como intermediários que, na prática, subordinam as comunidades a uma lógica de obediência e dependência econômica. Como ressaltava Mariano P. da Silva (1999), essa prática gera um ciclo vicioso de exploração financeira, em que líderes neopentecostais manipulam as condições socioeconômicas vulneráveis dos fiéis para benefício próprio, o que reflete uma ética religiosa questionável.

Os missionários buscavam não apenas levar o evangelho cristão ao povo africano, mas também remodelar seu mundo social, seus valores, seus hábitos, seu senso de tempo e espaço e, finalmente, a si mesmos. (Comaroff & Comaroff, 1991, p. 235).

Essas igrejas, sobretudo a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), cuja atuação em Angola foi recentemente investigada por crimes financeiros, colocam em evidência o conflito entre a promessa de salvação e prosperidade e as práticas exploratórias que as acompanham. A intervenção da Procuradoria-Geral da República (PGR) de Angola e do Serviço de Investigação

Criminal (SIC) evidencia as preocupações éticas e legais em torno das práticas das igrejas neopentecostais. A relação entre religião e finanças, já criticada por Cabinda como uma forma de “opressão disfarçada de emancipação”, aqui ganha materialidade em denúncias que questionam a sinceridade das intenções dos líderes religiosos.

Dessa forma, o trabalho aponta que o neopentecostalismo em Angola não só desestabiliza a estrutura social e educacional ao minar as epistemologias locais, mas também perpetua uma estrutura de poder que incentiva a alienação dos fiéis ao invés de promover a emancipação e a justiça social. Tal análise se torna essencial para mapear e compreender o modo como essas igrejas influenciam as dinâmicas de poder e reproduzem estruturas de dominação colonial, propondo-se a dialogar criticamente com as populações sobre as consequências sociais, políticas e éticas de sua presença.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho busca analisar as complexas e profundas relações entre o neopentecostalismo e a política no contexto angolano, especialmente no distrito urbano do Kikolo, onde esses dois campos se entrelaçam de maneira intensa e controversa. Em Angola, o neopentecostalismo se destaca não só como um movimento religioso, mas também como um agente ativo nas dinâmicas políticas, exercendo influência direta e indireta nas decisões que moldam a sociedade. A discussão aqui proposta, fundamentada em autores como Boaventura de Sousa Santos, Comaroff & Comaroff e Edir Macedo na sua obra *O ouro e o altar: Uma revelação que vai abrir os olhos dos servos de Deus*(2018), tem o objetivo de elucidar a interação entre esses dois campos e demonstrar como a religião neopentecostal em Angola ultrapassa a prática da fé, tornando-se uma força significativa que molda aspectos da vida pública, especialmente a governança, a formulação de políticas públicas e a influência nas decisões institucionais.

O neopentecostalismo, embora se apresente como um movimento de renovação espiritual, se expandiu de forma a englobar objetivos que se sobrepõem ao domínio religioso e alcançam o campo político. Nesse sentido, a Igreja universal do reino de Deus (IURD), fundada por Edir Macedo, tornou-se um exemplo paradigmático de como uma instituição religiosa pode interagir com o poder político de modo a criar uma espécie de simbiose, na qual a influência religiosa favorece objetivos políticos e vice-versa. Edir Macedo, em suas obras (*O Espírito Santo* (2002), *Nada a perder: Meus desafios diante do impossível* (2013), *O ouro e o altar:*

Uma revelação que vai abrir os olhos dos servos de Deus (2018), Fé Racional (2018), Segredos e Mistérios da Alma (2022), O prazer da vingança (2024)), promove a chamada teologia da prosperidade, que sugere que a fé e as contribuições financeiras voluntárias dos fiéis são recompensadas não apenas espiritualmente, mas também materialmente. A partir dessa perspectiva, o fiel neopentecostal é incentivado a acreditar que seu destino pode ser transformado mediante a doação de bens à igreja, o que fortalece um ciclo de dependência econômica e ideológica que posiciona a instituição como mediadora de bênçãos e prosperidade. Esse sistema cria uma estrutura de poder na qual o líder religioso não é apenas um pastor, mas um agente de transformação econômica e social, influenciando decisões pessoais e, em larga escala, sociais.

Autores como Mariano (1999) identificam que o neopentecostalismo, com seu discurso de prosperidade, encontra uma recepção especial em comunidades economicamente vulneráveis, como as de Angola, onde a precariedade econômica e a limitada presença de políticas sociais efetivas tornam o discurso neopentecostal um atrativo irresistível. Muitos angolanos, especialmente nas periferias, veem nessas igrejas uma oportunidade de melhorar de vida, o que solidifica a posição das instituições religiosas como uma espécie de governo paralelo que, de certa forma, supre a ausência do Estado. No distrito do Kikolo, esse fenômeno é evidente. O movimento neopentecostal tornou-se parte da estrutura social, desempenhando um papel fundamental na vida dos fiéis, ao mesmo tempo em que exerce uma forma de controle psicológico e material que vai além da esfera religiosa e avança para o campo político.

A relação entre política e religião é um tema que há muito tempo desafia a autonomia de ambas as esferas. A política, conforme (Bobbio, p.1 2004), é definida como o campo da organização social, onde decisões são tomadas para o bem comum e onde se negociam os diferentes interesses de uma sociedade. A religião, por outro lado, como destaca Weber (2010), molda valores, crenças e práticas que, ao influenciar a vida moral e espiritual dos indivíduos, repercute inevitavelmente em suas posturas políticas e sociais. Em Angola, a aliança entre líderes neopentecostais e políticos tornou-se uma prática recorrente, de modo que o apoio eleitoral e político das igrejas é trocado por benefícios materiais e proteções institucionais. Dessa maneira, as igrejas não apenas exercem influência sobre as crenças e práticas religiosas dos fiéis, mas também direcionam suas escolhas políticas, incentivando-os a votar em candidatos que defendem valores e agendas alinhados aos princípios da igreja.

O neopentecostalismo não é um simples movimento de fé, mas um sistema de poder que mobiliza recursos humanos, financeiros e simbólicos para garantir que suas crenças e práticas

sejam reproduzidas em larga escala. Segundo a teoria de dominação simbólica de Bourdieu (1996), a religião pode ser usada como uma ferramenta de dominação, na qual o poder simbólico da fé é utilizado para legitimar e perpetuar uma estrutura de obediência e controle social. Em Angola, o neopentecostalismo atua como uma forma de dominação simbólica, influenciando não apenas as práticas religiosas dos fiéis, mas também suas visões sobre economia, sociedade e política. Esse tipo de influência torna-se especialmente poderoso no distrito do Kikolo, onde as igrejas neopentecostais, ao prometerem prosperidade e soluções rápidas para problemas econômicos e sociais, conquistam a confiança dos indivíduos e passam a moldar suas decisões e ações de maneira profunda.

A relação entre política e neopentecostalismo em Angola se desenvolve em um campo de interdependência, no qual ambos se beneficiam mutuamente. Como observam Comaroff & Comaroff (1991), o cristianismo, em sua forma neopentecostal, pode ser visto como uma extensão do colonialismo, onde a religião serve como um meio de dominação cultural e ideológica. Nesse sentido, o neopentecostalismo em Angola reproduz uma espécie de “colonialismo religioso”, em que a influência estrangeira domina as práticas espirituais e culturais locais, desestabilizando tradições e saberes angolanos. Essa influência é reforçada pelo apoio político que as igrejas oferecem aos candidatos alinhados aos seus valores, o que lhes garante benefícios materiais e consolida seu poder tanto no campo religioso quanto no político. Os fiéis, por sua vez, tornam-se reféns de um ciclo de dependência, no qual o apoio à igreja é visto como condição para obter prosperidade, enquanto a igreja direciona esse apoio para sustentar suas alianças políticas e fortalecer sua presença no espaço público. (CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. p. 705. 1964)

O impacto do neopentecostalismo sobre a sociedade angolana transcende o campo religioso, influenciando desde políticas legislativas até debates sobre direitos civis e sociais. A pressão das igrejas neopentecostais sobre temas como casamento igualitário, igualdade de gênero e direito ao aborto reflete uma moralidade conservadora que influencia diretamente as decisões políticas e legislativas do país. Em contextos onde a separação entre Igreja e Estado deveria ser garantida, a religião se infiltra na política, colocando em risco o ideal de um Estado laico e comprometido com a diversidade de crenças e direitos. A mobilização eleitoral promovida pelas igrejas não apenas influencia o voto dos fiéis, mas também direciona a agenda política de Angola, criando um cenário no qual interesses religiosos prevalecem sobre o bem-estar geral e as demandas de uma sociedade plural.

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em particular, exemplifica a atuação neopentecostal em Angola. Recentemente em 2019, a Procuradoria-Geral da República (PGR) e o Serviço de Investigação Criminal (SIC) abriram investigações contra a IURD por crimes financeiros, evidenciando as práticas controversas que permeiam a atuação dessa igreja no país. Essas investigações revelam como a busca por lucro e poder por parte de instituições religiosas pode comprometer a integridade de suas práticas e questionam a legitimidade das suas atividades. A relação entre religião e finanças se torna ainda mais problemática quando líderes religiosos utilizam a fé dos fiéis para arrecadar fundos e expandir sua influência, ao mesmo tempo em que desviam esses recursos para objetivos pessoais ou de dominação política. (Nascimento, (2022) observa que a interferência religiosa na política compromete o ideal de uma esfera pública racional, onde decisões devem ser tomadas com base em princípios democráticos e não em doutrinas religiosas. Em Angola, a crescente influência do neopentecostalismo nas políticas públicas ameaça essa neutralidade e perpetua desigualdades que prejudicam o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao ocupar um espaço que deveria ser reservado ao debate racional e inclusivo, a religião introduz na política angolana uma perspectiva unidimensional que limita a diversidade de visões e suprime vozes dissidentes. (Nascimento. p. 25. 2022)

Nesse contexto, o presente trabalho busca não apenas descrever, mas também analisar criticamente a atuação do neopentecostalismo em Angola. O objetivo é compreender como essa relação entre política e religião compromete a autonomia das instituições públicas e reforça uma estrutura de poder que beneficia uma elite religiosa e política em detrimento do bem-estar geral. A simbiose entre líderes neopentecostais e figuras políticas compromete o campo democrático angolano, uma vez que as instituições religiosas passam a atuar como influenciadores políticos e, em muitos casos, como instâncias de poder paralelo ao próprio Estado. Essa realidade coloca em questão o papel da religião na esfera pública e a necessidade de um debate ético e legal sobre as fronteiras entre a prática religiosa e a interferência política.

Sendo assim, ressaltamos a importância de uma compreensão crítica e contextualizada da interação entre política e religião, sugerindo que o neopentecostalismo, ao adotar uma postura de dominação e controle, transforma-se em um agente de poder que perpetua desigualdades e limita a autonomia dos indivíduos e da sociedade angolana. A partir dessa fundamentação, este estudo visa contribuir para o debate sobre os impactos do neopentecostalismo na política angolana e incentivar uma reflexão sobre os desafios éticos e sociais que emergem dessa relação complexa e multifacetada.

6.1 Neopentecostalismo (Igreja em Angola)

O conceito de neopentecostalismo refere-se a uma fase contemporânea do movimento pentecostal, caracterizado por práticas e doutrinas adaptadas às necessidades espirituais e materiais dos fiéis, especialmente a partir da década de 1970. De acordo com o sociólogo (CAMPOS, 1999, p. 22), que elaborou uma tipologia para classificar as vertentes desse segmento religioso, o Neopentecostalismo se distingue pela ênfase na “teologia da prosperidade”, pela utilização de símbolos materiais e por práticas de cura e libertação como estratégias de atração e fidelização de membros. Segundo Mariano, essa fase mais recente do pentecostalismo agrega não apenas uma reinterpretação da espiritualidade, mas também um redimensionamento da relação entre o sagrado e o profano, criando uma estrutura religiosa voltada para a resolução de problemas financeiros e pessoais dos fiéis, onde o sucesso terreno é visto como uma prova de bênçãos divinas.

O autor também afirma que naquele final da década de 90, o “neopentecostalismo” ainda não tinha sido aceito por unanimidade pelos pesquisadores e que presumia que tal fenômeno surgiu graças ao advento de uma nova realidade sociocultural, pluralista e secularizante, que passou a exigir das organizações religiosas o abandono da tradição como forma de recrutamento de adeptos, assim como a adoção de novos modelos de persuadir pessoas e de se lidar com o sagrado. (CAMPOS, 1999, p. 22).

Em Angola, o neopentecostalismo encontrou um solo fértil para sua expansão. Para entender o contexto de sua ascensão, é fundamental revisitar a história de influências religiosas no país, que se iniciou com a chegada do navegador português Diogo Cão em 1482 ao Reino do Kongo, então o maior entre os reinos situados no território correspondente à atual Angola. A presença de Diogo Cão marcou um ponto de inflexão na história religiosa e cultural da região, promovendo uma série de intercâmbios que, embora inicialmente amigáveis, logo se transformaram em imposições, como salienta Comar (2009). Sob a autoridade da Coroa portuguesa, o catolicismo foi a primeira expressão religiosa ocidental a se enraizar em solo angolano, moldando o país ao introduzir o batismo como rito de salvação e, ao mesmo tempo, impondo normas culturais que gradativamente marginalizaram as tradições e crenças locais.

O impacto da missão católica em Angola estendeu-se ao campo educacional, com a criação de instituições e programas de ensino controlados por missionários, cujo conteúdo estava profundamente alinhado aos valores coloniais. A educação colonial não só atuou como ferramenta de disseminação da fé cristã, mas também moldou o pensamento e a identidade

angolana, impondo um sistema que negava as crenças autóctones, configurando um processo de desvalorização das tradições locais. Com o decorrer dos séculos, o catolicismo consolidou-se como uma força religiosa dominante, até o período das lutas de independência no século XX, momento em que Angola, assim como muitos países africanos, experimentou uma ressurgência de identidade cultural e uma abertura a novas formas de expressão religiosa.

Após a independência de Angola, em 1975, e durante a guerra civil que assolou o país nas décadas seguintes, o cenário religioso sofreu uma transformação significativa. A presença de igrejas neopentecostais, em especial as originárias do Brasil, como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, introduziu um novo paradigma de espiritualidade, baseado na “teologia da prosperidade”. Esse modelo teológico prega que a prosperidade material é um sinal de favor divino, encorajando os fiéis a contribuírem financeiramente em troca de promessas de bênçãos. Assim, a prática religiosa passa a incluir a compra de objetos sagrados — como amuletos, chás de cura e óleos ungidos — que supostamente carregam o poder de transformação e de proteção contra males.

O neopentecostalismo não só ofereceu uma alternativa de esperança em um país devastado pela guerra e pelas dificuldades econômicas, mas também produziu mudanças sociais significativas. Ao enfatizar o valor da prosperidade individual e da superação pessoal, essas igrejas atraíram uma grande parcela da população angolana, que encontrava nas práticas neopentecostais uma via para lidar com os desafios diários. Essa forma de religiosidade também incentivou a emergência de líderes carismáticos que, frequentemente, apresentam-se como representantes divinos e mobilizam os fiéis em torno de promessas de cura e salvação. A presença dessas igrejas brasileiras em Angola reforça, portanto, uma nova configuração de influências religiosas, onde o colonialismo espiritual assume uma roupagem contemporânea, moldando comportamentos e redefinindo valores.

Essa expansão do neopentecostalismo em Angola exemplifica o impacto das correntes religiosas globais no continente africano, particularmente no contexto pós-colonial, e evidencia a continuidade de uma relação com o Brasil que transcende o passado colonial. Enquanto o catolicismo desempenhou um papel histórico ao longo dos séculos, a recente popularidade das igrejas neopentecostais revela uma busca por alternativas espirituais que ressoem com as necessidades econômicas e existenciais contemporâneas dos angolanos. Dessa forma, o Neopentecostalismo emerge não apenas como uma nova vertente religiosa, mas como uma força sociocultural que reconfigura o espaço religioso e influencia diretamente a vivência e a percepção de fé em Angola.

O neopentecostalismo, por sua vez, é caracterizado como um movimento religioso contemporâneo que se adaptou ao contexto moderno, focando em práticas que visam a boa educação e, frequentemente, a lavagem psicológica dos crentes. A crença de que as doações financeiras à igreja são essenciais para a obtenção do perdão divino e da prosperidade material é uma característica marcante desse movimento. Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, figura central no neopentecostalismo, é um defensor da teologia da proteção, que sustenta que a fé e as contribuições financeiras podem resultar em proteção material (Ribeiro, 2013). Em 2019, essa prática teve um desenvolvimento social significativo em Angola, onde muitos fiéis, frequentemente pertencentes a classes mais desfavorecidas, foram persuadidos a contribuir financeiramente.

Ao abordar o impacto do neopentecostalismo nas dinâmicas sociais e políticas do distrito de Kikolo, é crucial focar nos aspectos específicos que envolvem a relação entre religião e política, deixando de lado comparações com outros contextos. No caso do neopentecostalismo em Angola, observa-se uma distinção distinta, em que líderes religiosos, especialmente nas áreas urbanas como Kikolo, têm utilizado a sua influência para preencher lacunas deixadas pelo Estado. Ao prometerem riquezas materiais e rupturas espirituais, essas igrejas ganharam uma identidade significativa na construção social, sobretudo entre as populações mais vulneráveis. Nesse sentido, a exploração da vulnerabilidade social por meio de contribuições financeiras adquire contornos específicos em Angola, onde a fé é usada tanto como instrumento de mobilização política quanto de controle social. Tal prática molda profundamente as relações entre os fiéis e o Estado, reforçando, em muitos casos, uma dependência espiritual e material que transcende as esferas religiosas (Santos, p.6. 2019).

Essa análise do neopentecostalismo em Angola nos permitirá explorar mais profundamente suas implicações sociais, culturais e políticas nas próximas seções do trabalho, destacando as interações complexas entre fé, poder e sociedade.

6.2 Política

A política, como esfera de estudo e prática, se revela como um complexo jogo de forças, onde se entrelaçam o governo, a tomada de decisões coletivas e a distribuição de poder em diversas camadas da sociedade. Este campo abrange desde a formulação e implementação de políticas públicas até a busca de objetivos e ideais coletivos, fundamentais para a administração do território e para o bem-estar dos cidadãos que nele habitam.

A política, assim, se desdobra em uma gama ampla de atividades. A participação em eleições, o funcionamento de instituições governamentais, a elaboração de leis, a negociação de acordos internacionais e a definição de políticas econômicas são apenas alguns exemplos das múltiplas facetas que a caracterizam. Presente em todos os níveis da sociedade — do local ao global —, a política é composta por diversos setores que, em conjunto, promovem o desenvolvimento econômico e a sustentabilidade de seus territórios. É notável que, em meio a esse emaranhado, existem líderes políticos que tomam decisões que impactam a coletividade, assumindo a responsabilidade de escolher o que se considera melhor para a sociedade.

No contexto angolano, onde o neopentecostalismo exerce influência crescente sobre a esfera política, observa-se um entrelaçamento entre o poder religioso e as dinâmicas políticas que moldam as relações de poder locais. As igrejas neopentecostais, ao atuarem como agentes políticos informais, muitas vezes ultrapassaram a fronteira entre o público e o privado, mobilizando suas congregações em torno de interesses políticos específicos. A liderança neopentecostal, predominantemente masculina, também reflete uma estrutura hierárquica que reforça formas tradicionais de poder, impactando não apenas a política local, mas também o comportamento social nas comunidades periféricas, como em Kikolo (Silva, 1999). Essa intersecção entre fé, poder e política revela como as igrejas utilizam seu capital espiritual para influenciar decisões políticas que afetam diretamente a população.

De fato, todas as políticas existentes em diversas sociedades compartilham um diálogo comum e estratégias sociais e culturais similares, que culminam na criação de constituições que regulam direitos e deveres dentro do espaço social. As regras que emergem desse processo muitas vezes não se inclinam a favor dos cidadãos, resultando em manifestações sociais e momentos de descontentamento político. Essa dinâmica revela como a política pode gerar um descompasso entre as expectativas da população e as decisões dos governantes.

O campo da ciência política, portanto, é um espaço de exploração teórica e prática, onde se estudam conceitos como poder, governo, democracia e ideologias. Os cientistas políticos se dedicam a analisar como as decisões são tomadas, como o poder se distribui e como as políticas públicas impactam a vida dos indivíduos e da sociedade em geral (Rémond, 2003). Essa análise crítica permite compreender que a política não é um fenômeno isolado, mas sim uma construção social que interage profundamente com a cultura, a economia e as instituições religiosas.

Ademais, a incorporação de instituições religiosas no debate político tem se tornado uma ferramenta poderosa na luta por interesses. A relação entre política e religião pode, em diversas ocasiões, enfraquecer a autoridade das igrejas, que, sob a influência política,

posicionam-se como protetoras das comunidades, especialmente no que tange ao comportamento da juventude. No entanto, essa intersecção nem sempre traz benefícios, revelando interesses complexos que frequentemente se distanciam das necessidades reais da população.

Ao analisar a realidade das instituições religiosas em Angola, especialmente no bairro Kikolo, torna-se evidente que a atuação política dessas organizações exige um entendimento profundo do contexto social. A luta por espaço e influência na política é, em muitos casos, marcada pela troca de favores e interesses particulares. Um exemplo claro dessa dinâmica é observado na relação entre o pagamento de impostos e a permanência das igrejas abertas. Como aponta Sampaio (2020), líderes religiosos muitas vezes buscam garantir a continuidade de suas atividades em troca de apoio político, criando uma relação de dependência mútua entre igreja e Estado.

Dentre outras instituições religiosas que chegaram (ou foram reconhecidas) em Angola na década de 1990, a Igreja Universal ganhou destaque e legitimidade. Mesmo entre pessoas e instituições que rechaçavam a participação religiosa fora do âmbito eclesiástico, parece haver um (desencantado) reconhecimento de atividades que algumas igrejas têm realizado. (Sampaio, p. 125. 2020)

A resignificação do papel do dinheiro nas instituições religiosas, como apontado por Pierucci e Prandi (1996), se reflete em práticas de arrecadação e serviços que, ao mesmo tempo em que prometem benefícios espirituais, estabelecem vínculos diretos com a política. A ênfase na fé como um meio para a obtenção de riqueza e felicidade, em detrimento da glorificação do sofrimento, sinaliza uma mudança no discurso religioso contemporâneo.

A resignificação econômica é parte de uma comunicação mais ampla de competição religiosa e pluralismo, onde diversas denominações buscam legitimar seu espaço, incluindo relações com a política e a influência no comportamento público. Essa transformação é vista a partir de uma perspectiva sociológica, refletindo a influência crescente da religião no cenário público e político do Brasil contemporâneo. (Pierucci e Prandi, p. 105. 1996),

As interações entre religião e política não são desprovidas de controvérsias, e o engajamento de líderes religiosos na esfera pública deve ser avaliado com cautela. A normalização dessa relação, quando realizada de maneira respeitosa ao estado democrático e à laicidade, pode promover um ambiente de diálogo e entendimento, mas também pode resultar em imposições de valores religiosos sobre a sociedade.

Diante desse cenário, as políticas estabelecidas em colaboração entre instituições religiosas e o estado revelam a necessidade de um equilíbrio delicado. As normas e leis criadas nessas parcerias não devem sufocar a liberdade individual, mas sim proporcionar um espaço de convivência harmoniosa entre as esferas religiosa e política. Assim, a teologia da prosperidade, que propõe uma visão otimista do mundo e das promessas divinas, oferece uma perspectiva que, embora atraente para muitos, levanta questões sobre a real função da religião na política e suas implicações para a sociedade (Mattos, p.146. 2017);

O refluxo da teologia da libertação deu espaço para a entrada vigorosa da concepção teológico-política-empresarial da teologia da prosperidade. Em sua essência, em sentido completamente antagônico ao do trabalho realizado pelas CEB, a concepção ideológica disseminada pelas denominações religiosas e paraeclesiais neopentecostais sustenta a profunda “adaptação à ordem por meio da ideia de esforço individual e alicerça uma expressão empresarial das igrejas em diversos setores econômicos, particularmente no das comunicações” (Mattos, 2017, p. 146). Com efeito, o forte apelo motivacional que fomenta a edificação de personalidades individualistas, competitivas e despudoradas pela cega ganância — pelo “vale-tudo” para conseguir um lugar de prestígio — está em conformidade com o estímulo geral do empreendedorismo, cuja estrutura tentacular ou de pirâmide financeira, que predomina nessas agremiações político-ideológicas ditas cristãs. (Mattos, p.146. 2017);

Neste contexto, a laicidade e a liberdade religiosa emergem como princípios fundacionais de uma nova ordem política. A política, quando bem orientada, pode ser uma força renovadora, proporcionando ao povo não apenas liberdade, mas também a possibilidade de participar ativamente na construção de um futuro mais justo e equitativo. Essa nova dinâmica sugere uma revolução nas relações sociais, onde a liberdade religiosa se torna uma questão fundamental, abordada por pensadores de várias épocas, refletindo a constante evolução do entendimento sobre a política e a sua interação com a sociedade (Rachel, 2012).

6.3 Os impactos entre a política e o neopentecostalismo

O neopentecostalismo, como movimento religioso em crescimento, tem exercido uma influência significativa no cenário político. Essa influência é observada principalmente através de dois aspectos principais: o apoio eleitoral e a mobilização de fiéis, moldando as pautas políticas e legislativas.

No que tange ao apoio político, muitos líderes neopentecostais têm estreitado laços com políticos, oferecendo suporte em troca de benefícios e proteção política. Essa aliança estabelece

um ciclo de influência mútua, onde os líderes religiosos usam suas plataformas para mobilizar seus fiéis a votarem em candidatos alinhados às suas crenças e visões. A consequência é uma base de eleitores altamente engajada que, além de atuar de forma ativa no processo eleitoral, também influencia diretamente a agenda política, incluindo questões morais e sociais. Essa mobilização, conhecida por seu impacto, traz consigo a capacidade de alterar a dinâmica de eleições e o curso de políticas públicas.

Além do impacto eleitoral, o neopentecostalismo se posiciona em questões sociais e morais que frequentemente estão no centro do debate político. Tópicos como o aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e políticas de gênero são defendidos pelos líderes neopentecostais sob uma perspectiva conservadora. Esses debates não se limitam às congregações religiosas, pois se estendem ao âmbito legislativo, muitas vezes moldando a formulação de leis e políticas públicas no Brasil.

7. CRONOGRAMA

Atividades \ etapas	2024											
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	ou	nov	dez
Escolha do tema	X											
Revisão bibliográfica		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Análise do material coletado			X	X	X	X	X	X	X			
Redação do trabalho final								X	X	X	X	
Defesa do trabalho final												X

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, N. A era dos direitos. **Nova Edição**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: 10ª reimpressão. Elsevier, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- CABINDA, Pau de. **O menino que não acredita em Deus**. Vol. 1. Maringá: Editora Viseu, 2020.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **O marketing e as estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus**. Estudos de Religião. São Bernardo do Campo, v. 15, p. 21-38, 1999.
- COMAR, Michele. **Imagens de Ébano em Altares Barrocos**: As Irmandades Leigas de Negros em São Paulo (Séculos XVIII-XIX). [2009.]. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13042009-143933/publico/MICHELE_COMAR.pdf. Acesso em: 23 out. 2024.
- COMAROFF, John L.; COMAROFF, Jean. **Of Revelation and Revolution**: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- COSTA, Dinis Fernando da; DANIEL, Hilton Fortuna. **Motivações toponímicas**: O ato de nomear bairros populares nas periferias em Angola. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 39, n. 3, 2023.
- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. **Convergência**. n. 114, 1964. Disponível em: https://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/1964/12/CONVERGENCIA_-114-1.pdf. Acesso em: 5 nov. 2024.
- INE, Instituto Nacional de Estatística de Angola. **Densidade Populacional Kikolo**. Cacuo.Gov.Com Portal Oficial do Município de Cacuo. Luanda, 2014. Disponível em: <https://ribeiro.tenguna.wixsite.com/cacuaco/kikolo>. Acesso em: 04 out. 2024.
- MACEDO, Edir. **O ouro e o altar**: Uma revelação que vai abrir os olhos dos servos de Deus. São Paulo: Universal Produções, 2018.
- MAGENTA, Matheus. **Provas 'contundentes' apontam lavagem de dinheiro da Universal em Angola**, dizem investigadores. Notícias. Londres, p. 66-90, 07 jun. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2021/06/07/provas-contundentes-apontam-lavagem-de-dinheiro-da-universal-em-angola-dizem-investigadores.htm>. Acesso em: 04 out. 2024.
- MATTOS, M. B. **Sete notas**: introdutórias como contribuição ao debate da esquerda socialista no Brasil. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.
- NASCIMENTO, Gilberto et al. **Igreja Universal prepara batalha judicial para retomar templos em Angola**. São Paulo, p. 22-56, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional->

[61033146#:~:text=Cerca%20de%20300%20bispos%20e,imposi%C3%A7%C3%A3o%20de%20vasectomia%20a%20pastores](#) . Acesso em: 04 out. 2024.

PECCININI, Marcos. **O neopentecostalismo na política brasileira contemporânea**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **Realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política**. São Paulo: Hucitec, 1996.

RACHEL, Andrea Russar. Brasil: a laicidade e a liberdade religiosa desde a Constituição da República Federativa de 1988. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 17, n. 3300, 14 jul. 2012. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/22219>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SAMPAIO, CAM. **A Igreja Universal do Reino de Deus na “Reconstrução Nacional” de Angola**. *Religião & Sociedade*, v. 2, p. 123–146, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do sul**. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2019.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História 1: ensino médio**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.